

A centralidade da ética jornalística nos currículos: transversalidade e interdisciplinaridade como estratégia metodológica

Guilherme Gonçalves Carvalho
Mauri König

Resumo:

O artigo procura contribuir para a reflexão a respeito do ensino de ética nos cursos de jornalismo, a partir de uma abordagem que reconhece a centralidade da disciplina na formação profissional. Neste sentido, dialoga-se com propostas do campo da Educação para se pensar estratégias metodológicas que incluem a transversalidade e a interdisciplinaridade como referência para um ensino de ética holisticamente constituído e capaz de superar limitações do campo acadêmico do Jornalismo. Para tanto, são descritas características específicas que envolvem o debate deontológico a partir da identificação de três dimensões distintas de abordagem no âmbito do ensino. Trata-se de um texto propositivo que visa contribuir com o debate para a construção de matrizes curriculares de cursos de jornalismo do Brasil.

Palavras-chave: Ética jornalística. Ensino de jornalismo. Interdisciplinaridade.

Fake News and the emptying of the Public Sphere: critical analysis of the crisis of confidence in democratic institutions

Abstract:

The article seeks to contribute to the reflection on the teaching of ethics in journalism courses, from an approach that recognizes the centrality of the discipline in professional training. In this sense, it dialogues with proposals from the field of Education to discuss methodological strategies that include transversality and interdisciplinarity as a reference for a holistically constituted teaching of ethics, capable of overcoming limitations of Journalism's academic field. For this, specific characteristics involving the deontological debate are described based on the identification of three distinct approach dimensions to the field of teaching. It is a proposal that aims to contribute to the debate on the construction of curricular matrices of journalism courses in Brazil.

Keywords: Journalistic ethics. Journalism teaching. Interdisciplinarity

Recebido em: 07.02.23

Aprovado em: 20.07.23

Guilherme Gonçalves Carvalho

Professor de graduação da Uninter e docente permanente do PPGJor/UEPG. Graduado em Jornalismo (UEPG) e Doutor em Sociologia (Unesp).

E-mail: guilhermegdecarvalho@gmail.com

Mauri König

Professor de graduação da Uninter. Graduado em Letras (Unioeste) e Jornalismo (UDC) e Mestre em Jornalismo (UEPG).

E-mail: maurik4.6@gmail.com

Estudos em Jornalismo e Mídia
v. 20, n. 1, mar./jul. 2023.
ISSNe 1984-6924

Introdução

Uma questão que certamente é encarada com algum desconforto por quem leciona jornalismo refere-se à eficácia do ensino de ética jornalística aos futuros profissionais¹. É possível ensinar ética jornalística em outros termos? À primeira vista, professores movidos pela autopreservação tendem a responder positivamente a esta pergunta, sobretudo se o raciocínio parte do princípio de que o ensino da ética é tão possível quanto é o ensino da técnica. Por outro lado, e para além do debate filosófico, se o ensino da ética pressupõe a aplicação moral da profissão (COSTA, 2009), cujos fundamentos estão ancorados, portanto, na prática profissional (RESTREPO, 2003), de que modo é possível apreender a ética em um ambiente acadêmico cujas atividades não são profissionais, ainda que se tente simular a rotina. Encastelada nas salas de aula, físicas ou virtuais, o ensino da ética só seria possível, então, quando pensada sobre o ponto de vista reflexivo.

Em uma perspectiva mais restritiva para o ensino, é possível debater a pertinência dos códigos deontológicos, abordar o desenvolvimento histórico da profissão e sua relação com a ética e realizar estudos de caso para que os alunos avaliem e se coloquem no lugar de profissionais que passaram por situações críticas. A partir deste olhar histórico, documental e referencial, a ética pode ser ensinada. Mas, como qualquer outra competência fundamental para o exercício da profissão, a contribuição das universidades para a formação profissional é capaz de superar a produção para fins meramente avaliativos?

Martono (2017), por exemplo, acredita que ainda que haja limites para o ensino de ética, marcado pelas diferenças entre universidade e mercado, um jornalista que vivenciou em seu processo de formação a experiência de ensino de ética jornalística terá mais condições de encarar um dilema profissional de forma ética do que aquele que não vivenciou.

O pesquisador britânico Phil Harding (2013, apud GREENSLADE, 2013, online) segue na mesma linha e entende que uma formação ética continuada é essencial no jornalismo, assim como em outras profissões. Segundo ele, a ética seria construída para o jornalista em dois momentos distintos e complementares. O primeiro se refere ao treinamento de quem está ingressando no jornalismo e que se encerra quando o estudante se forma. O segundo tem a ver com os veteranos e o cotidiano profissional, quando o jornalista se depara com a realidade.

Mas, mesmo no ambiente profissional, marcado pela variedade de temas e contextos, a ética jornalística é recheada de dilemas.

O referencial deontológico, de implicação pessoal, comungado pela cultura profissional, muitas vezes fica no plano teórico e não é aplicado na prática. Com a influência de valores egressos da realidade cotidiana, subsidiários do mercado de trabalho e da socialização de princípios em dada cultura organizacional fazem com que os profissionais tenham certa dificuldade nas tomadas de decisão. (DIAS, 2012, p. 99)

E, como se não bastasse, os jornalistas ainda são acometidos por movimentos ora políticos ora jurídicos de depreciação da profissão, como no episódio em que o Supremo Tribunal Federal (STF) retirou a obrigatoriedade do diploma de jornalista para obtenção do registro profissional².

Voltando então à nossa questão inicial: se a ética se torna um hábito adquirido, como entende Pereira Junior (2009), isto é, agimos conforme os usos e costumes reproduzidos do nosso grupo social ou familiar e passamos adiante o que aprendemos por meio de ações (SKINNER, 1974), é possível, então, que a ética seja ensinada nas universidades?

Se o que se entende por ética se materializa nas ações individuais (KARAM, 1997), somente poderia ser apreendida no cotidiano profissional. O futuro jorna-

¹ Uma versão anterior deste artigo foi apresentada em outro evento. A nova versão passou por alterações significativas.

² Ver artigo Diploma de Jornalismo no Brasil: reserva corporativista ou marco da autonomia profissional?

Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/6416>. Acesso em 13 jan. 2023.

lista, portanto, só poderia compreender o que é ética na medida em que encarasse os dilemas deontológicos, quando, então, sua moral seria verdadeiramente testada. Em outras palavras, “o referencial ético obtido pelo jornalista no processo de formação universitária perde espaço para valores de ordem prática da cultura organizacional em razão de um processo natural de socialização do profissional na instituição” (DIAS, 2012, p. 104).

Partindo de uma abordagem generalista, o debate a respeito da ética jornalística e formação representa, de alguma maneira, o histórico distanciamento entre teoria e prática, a partir do qual se observa o dualismo entre universidade e mercado (MEDITSCH, 2012). Se ética significa aplicação, atitude, enfrentamento de dilemas cotidianos, portanto, ocorrências próprias do mercado de trabalho, de que modo o ensino de jornalismo pode promover a ética entre os futuros profissionais considerando que o ambiente acadêmico é capaz, de no máximo, reproduzir em caráter laboratorial, com fins avaliativos, condições que permitam o exercício ético?

Afinal, há questões estruturais do mercado de trabalho fora do alcance das universidades. É no campo profissional onde reside o protagonismo da ética jornalística, sobretudo quando consideramos a (in)existência de um conselho profissional que assegure maior autonomia aos jornalistas, as disputas de interesse que movem diferentes atores da sociedade na tentativa de fazer prevalecer a sua versão sobre o produto jornalístico, o embate entre a redação e o departamento comercial, as limitações de tempo que pressionam jornalistas por aumento de produtividade, a fragilidade dos contratos de trabalho e o receio de demissão, entre outros aspectos (CARVALHO *et al.*, 2019).

Este artigo se propõe a contribuir para a reflexão a respeito destas questões, partindo do princípio de que a ética não deve ser encarada como uma disciplina isolada no projeto pedagógico, mas permear as diversas disciplinas do curso. No caso do Jornalismo, essa formação tampouco deve ser terceirizada a profissionais de outras áreas ou ao mercado. O que se discute é a necessidade de empregar a deontologia jornalística como amálgama para fundir prática e teoria. Para tanto, sustenta-se que o ensino de ética jornalística capaz de responder às necessidades de formação de jornalistas para a sociedade depende necessariamente da adoção de propostas metodológicas que incluem a transversalidade e a interdisciplinaridade, capaz de responder às necessidades de formação de jornalistas para a sociedade.

Três dimensões no ensino de ética jornalística

As estratégias didático-pedagógicas adotadas pelos professores de ética jornalística é tema já debatido em artigos científicos (MARTONO, 2017; PETERLIN; PETERS, 2018; ERICKSON, 2020; KOSTYU, 1990; BARGER; ELLIOTT, 2000; CHEIDA, 2007; OLIVEIRA, RODELLI, 2007; CHRISTOFOLETTI, 2011). As preocupações, de modo geral, têm como objeto a eficácia da aprendizagem de estudantes, uma evidência significativa da busca por estabelecer relações entre o papel do ensino diante de recorrentes casos que envolvem ações antiéticas na profissão.

Esta questão afeta duplamente aqueles que lecionam jornalismo, uma vez que indica os limites do ensino de jornalismo diante dos problemas éticos cotidianos que afetam a credibilidade da profissão e, como consequência, a incapacidade de responder academicamente ao problema que não cessa no ambiente profissional.

Aspectos metodológicos do ensino de ética, incluindo estratégias e técnicas de ensino-aprendizagem, têm ganhado relevância neste debate. Movido por este interesse também, Christofolletti (2011) investigou os conteúdos de matrizes curriculares e planos de Ensino, além de realizar entrevistas com professores brasileiros de ética jornalística. Dentre as principais dificuldades relatadas pelos próprios docentes, está o fato de que muitos não têm clareza sobre a metodologia de ensino mais adequada para a disciplina de ética. Em parte, como atesta Christofolletti

(2011), o problema reside no fato de que os professores, na grande maioria dos casos, não foram formados em licenciaturas, mas nos bacharelados, o que enriquece a experiência profissional prática, mas esvazia os aspectos didáticos. E vai além:

[...] carentes de instrução formal para o magistério superior e vivendo numa cultura ainda incipiente de debate pedagógico na área, os professores de jornalismo fragilizam seu papel na formação dos novos profissionais que vão movimentar as redações dos meios de comunicação e as agências de comunicação. Some-se a isso o fato de que a dimensão ético-profissional não assume papel central na formação dos novos profissionais, ao menos pelo que se percebe pelas respostas colhidas nos questionários da pesquisa: as disciplinas são híbridas, muitas vezes não contagiam outras matérias, têm duração limitadora e mesclam seus conteúdos com saberes de outras áreas, diluindo a ênfase na discussão de dilemas éticos e situações de tomada de decisão na profissão. (CHRISTOFOLETTI, 2011, p. 31)

O ensino de ética em jornalismo possivelmente é o que mobiliza mais competências por parte dos professores que incluem não apenas o conhecimento normativo do(s) código(s) deontológico(s), seus processos de elaboração e lógicas de funcionamento, mas também a experiência prática da profissão que permite abordar as questões com propriedade e o conhecimento a respeito do que já se elaborou academicamente sobre o tema.

Neste sentido, é possível afirmar que os professores são desafiados cotidianamente a estabelecer relações entre três dimensões fundamentais interdependentes sobre os quais se estruturam os conteúdos desta disciplina: a) as normas e princípios que dizem respeito à ética jornalística, que exige a mobilização de fundamentos histórico-sociológicos da profissão e também legais; b) aspectos do cotidiano da profissão e seus dilemas éticos, considerando os elementos técnicos e a rotina da produção jornalística; c) a pesquisa e produção científica a respeito da temática em debate, a partir de um exercício reflexivo de causas e efeitos, principalmente. O domínio tridimensional sobre o ensino de ética, que em geral é separada no ensino de outras disciplinas do curso, implica uma desafiante capacidade de articulação entre estas três bases, exigindo do professor experiência científica, organizacional e profissional. A articulação entre esses saberes deve ser ainda mobilizada para a aplicação por meio de estudos de caso, atividades laboratoriais, projetos práticos, entre outros, cujos resultados precisam ser avaliados por alunos e professores.

Imagem 1 – Saberes necessários para ensino de Ética jornalística



Elaboração própria (2023)

Vejamos de modo mais detalhado: quando falamos de pesquisa, nos atemos ao ambiente acadêmico/científico, ligado, assim, às atividades que relacionam aspectos teórico-conceituais do jornalismo, o desenvolvimento de pesquisas e o

referencial bibliográfico do tema. O conhecimento das normas encontra-se em um meio termo, uma vez que a aplicabilidade encontra espaço na extensão universitária, nos projetos experimentais e atividades laboratoriais na sua relação com o ensino, orientados pelos professores, e também se apresenta no cotidiano profissional, verificando-se os órgãos de classe responsáveis pelo resguardo dos códigos deontológicos do jornalismo. No caso brasileiro, esta responsabilidade coube aos sindicatos de jornalistas e seus respectivos conselhos de ética na falta do conselho federal³. Já os aspectos do cotidiano são de ordem prática e se encontram na relação do jornalista com o ambiente profissional interno e externo ao jornalismo, sobretudo nos processos de produção.

O ensino de ética encarado de modo holístico, deve considerar estas três dimensões, exigindo dos docentes um domínio mais ou menos elaborado e equilibrado entre eles, com vistas à aplicação. O perfil ideal de professor para esta disciplina já é um grande desafio e o axioma do problema também já é conhecido.

No Brasil, já se falou da dicotomia entre professores práticos e teóricos (MEDITSCH, 2012) e, também, da ausência de noções de pedagogia de professores formados em bacharelado (CHRISTOFOLETTI, 2011; FERREIRA, 2013) ou, ainda, da formação polivalente em comunicação que promoveu um ensino de ética generalista e às quais foram submetidos os atuais mestres, reduzindo as possibilidades de uma verticalização do conhecimento específico em jornalismo (MEDITSCH, 2012; FERREIRA, 2013).

A formação dos atuais professores de jornalismo do Brasil se deu em escolas cujos currículos foram elaborados dentro desta dinâmica, cujos docentes também provinham de outras áreas, principalmente das humanas (Sociologia, Filosofia, Letras, etc). Os cursos de bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, cuja formação era mais abrangente, tocavam em diferentes temas da área da Comunicação, já que os perfis a serem formados eram aqueles mais genéricos. Por outro lado, questões específicas do Jornalismo, entre elas a teoria e a deontologia da área específica, eram ignoradas.

Consequentemente, observa-se a ausência de uma tradição nesse tipo de debate no campo acadêmico, para não falarmos da ausência da disciplina em alguns cursos, desfavorecendo o aprofundamento da reflexão sobre o ensino e o exercício ético-profissional. Os resultados deste esvaziamento aparecem mais nitidamente nos diversos e cotidianos casos de afronta aos códigos deontológicos jornalísticos (NUNES, 2019; KÖNIG, 2019) e na dificuldade em garantir a sua aplicação (CARVALHO, 2019).

Eficácia do ensino de ética jornalística

Barger e Elliott (2000), inseridos na realidade estadunidense, questionam se as aulas de ética jornalística são capazes de tornar os jornalistas melhores. Ao entrevistar professores e jornalistas inseridos no mercado de trabalho, eles observaram que, apesar do aprofundamento dos debates sobre o ensino da ética jornalística nas universidades, sobretudo com a adoção de métodos que visavam ao “treinamento” de estudantes em situações do cotidiano, por meio da tomada de decisões que resultaram em uma qualificação do debate no ambiente profissional, do ponto de vista prático, não houve uma conversão em favor de um comportamento mais ético no jornalismo. A questão central reside, principalmente, em uma dinâmica de mercado e uma cultura profissional que limita a reflexão sobre a ética, ainda que academicamente o debate se tenha aprofundado. “E, no mundo da redação de deadline em deadlines, a realidade é que alunos e professores têm o luxo do tempo para examinar questões éticas” (BARGER; ELLIOT, 2000, p. 3, tradução nossa)⁴, tempo do qual o mercado profissional não dispõe.

Assim, ainda que o ensino tenha promovido uma melhora na compreensão ética dos jornalistas, isto não reverte-se em uma melhora na ética jornalística, se

³ A constituição de um conselho de ética com poder de sanção estaria ligada a criação do Conselho Federal dos Jornalistas, órgão que passaria a regular a emissão de registros profissionais, podendo, portanto, definir os aptos e não aptos a exercer a profissão de jornalista. Hoje a emissão dos registros é uma prerrogativa do Estado, por meio do Ministério do Trabalho. Como aponta Abreu (2004), o projeto de lei proposto pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), apresentado em outubro de 2003, foi execrado pelos deputados, atendendo aos interesses das grandes empresas de comunicação no Brasil.

⁴ No original: “And, in the deadline-to-deadline world of the newsroom, the reality is that students and professors have the luxury of time to examine ethical questions” (BARGER; ELLIOT, 2000).

pudermos concordar que o jornalismo não expressa necessariamente aquilo que os jornalistas pensam e desejam.

Verifica-se um esforço no sentido de superar estas limitações também no Brasil. Os atuais professores, formados possivelmente no antigo currículo, vivem um período de transição, impulsionado por movimentos no campo acadêmico e científico, principalmente em defesa da autonomia do Jornalismo. As Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Jornalismo, aprovadas em 2013, normatizam este movimento e reforçam o aspecto deontológico específico como fundamento para a formação de jornalistas.

O desenvolvimento do ensino de ética jornalística pode ser notado em atividades dispostas em três níveis de ação do planejamento pedagógico que indicam o grau de avanço nesse sentido. No primeiro, observa-se a inclusão de disciplinas cuja temática central é a ética jornalística. A existência, portanto, de um momento específico para o aprendizado destas questões é encarada como um requisito fundamental para a formação em jornalismo. Este é um indício de que algumas lacunas estão sendo preenchidas na formação, ainda que devamos considerar que existem cursos que não adotam uma disciplina específica nesse sentido. A existência de uma disciplina própria cria condições para que eleve-se o conhecimento sobre ética a outro patamar, uma vez que contempla carga horária, ementa e bibliografia específicas para este debate.

Em um segundo nível, é preciso refletir sobre a didática nesta disciplina, pensando em formas de trabalhar-se a ética em sala de aula ou nas atividades laboratoriais, nos projetos de pesquisa experimental ou extensionistas dos cursos de jornalismo do Brasil. Parte deste esforço tem sido registrado nos relatos publicados no Grupo de Pesquisa Ética e Teoria do Jornalismo dos Encontros Nacionais de Professores de Jornalismo (ENPJ)⁵ e na Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo (Rebej)⁶, organizados pela Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ), antigo Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ) (ABEJ, 2019). Os colegiados de cursos têm sido, agora, desafiados duplamente. Por um lado, devem pensar na elaboração de aulas e atividades que permitam relacionar o conteúdo previsto nos planos de ensino das disciplinas relacionadas à ética. Por outro, também se faz urgente a inserção de debates atuais movidos por novos casos (antiéticos) que aparecem diariamente no meio profissional, decorrentes de uma conjuntura que confronta aspectos tradicionais da profissão, o que, convenhamos, não é uma novidade, se considerarmos a ética jornalística como uma moral provisória, como define Costa (2009).

Por fim, em ambientes em que o debate a respeito do ensino de ética jornalística esteja mais avançado, encontra-se um terceiro nível, no qual elaboram-se discussões a respeito de metodologias de ensino que agregam maior capacidade de aprendizado, reflexão e de aplicabilidade aos futuros profissionais. Este último nível envolve um maior grau de conhecimento e de envolvimento da equipe e, portanto, possivelmente é mais raro de se perceber. No próximo tópico, descreveremos uma proposta que pretende contribuir para o desenvolvimento deste terceiro nível, considerando uma relação transversal e interdisciplinar no ensino de ética jornalística.

Transversalidade e interdisciplinaridade da ética jornalística

A relação transversal no ensino é entendida como a

[...] possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real e sua transformação (aprender na realidade e da realidade) (BRASIL, 1998, p. 30).

⁵ Ementa do grupo disponível em: <https://abejor.org.br/grupos-de-pesquisa-e-trabalho/>. Acesso em 02 fev. 2023.

⁶ Disponível em: <https://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej>. Acesso em 02 fev. 2023.

A proposta de um ensino que encare o processo de aprendizagem a partir de uma dinâmica transversal estabelece-se a partir de um senso crítico em relação ao sistema de ensino predominante, no qual sobressaem práticas compartimentalizadas, herdadas da proposta cartesiana de ensino em que cada disciplina ou cada área do conhecimento de um determinado campo é ofertada em momentos distintos e muito bem definidos. Este modelo implica currículos elaborados a partir de uma construção de conhecimento que considera pré-requisitos, ou seja, disciplinas “mais simples” que são essenciais para o aprendizado, as quais antecedem obrigatoriamente as “mais complexas”.

Nesse modelo, portanto, a ética jornalística é tratada como uma disciplina à parte, trabalhada, geralmente, nos estágios finais. O problema não está no fato de que a disciplina insere-se apenas ao final do curso. Da mesma maneira ela poderia ser ofertada no início ou no meio do curso e a ética continuaria a ser encarada como uma área distinta da prática ou distinta da teoria, mesmo que ocorresse concomitantemente às disciplinas mais teóricas ou mais práticas.

Os debates mais contemporâneos a respeito da educação e aprendizagem no ensino superior reveem estes processos, considerando, sobretudo, aspectos conjunturais que exigem cada vez mais um conhecimento diversificado dos profissionais e preparado para adequar-se às diferentes condições. Estes pensamentos estão associados a uma reflexão crítica a respeito do ensino, provocando uma série de ajustes em diferentes âmbitos. No que diz respeito ao ensino superior “o que se mostra urgente e necessário é uma interligação entre as disciplinas ensinadas nas universidades e a realidade vivenciada pelo corpo social, através da relação entre a metodologia de ensino e a experiência do conhecimento” (TREVISAM *et. al.*, 2016, p. 6).

Morin (2001, p. 88) resume da seguinte maneira esta questão: “[...] é preciso substituir um pensamento que separa e isola por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto”.

A partir da compreensão de Yus (1998) de que a transversalidade no ensino se expressa de cinco maneiras (disciplinar; no espaço; no tempo; no currículo; e no ambiente), deve-se compreender dois aspectos determinantes para a construção de um curso cujos conteúdos sejam verdadeiramente transversais. Seria o mesmo que pensarmos que a ética jornalística, como tema, deve ser trabalhada ao longo de todo o curso. Nesta perspectiva, é preciso que se estabeleça durante o período de formação em jornalismo momentos em que as questões éticas sejam resgatadas, de modo que literalmente atravesse o currículo.

Transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade). E a uma forma de sistematizar esse trabalho é incluí-lo explícita e estruturalmente na organização curricular, garantindo sua continuidade e aprofundamento ao largo da escolaridade (BRASIL, 1998, p. 30).

A transversalidade, portanto, não traduz-se necessariamente na oferta de uma mesma disciplina em diferentes momentos, mas no tratamento do tema de forma recorrente. Um ensino de ética jornalística transversal, portanto, seria aquele em que a deontologia é abordada em diferentes momentos da formação. Esta reconfiguração no tratamento ético, que possivelmente já ocorre em muitos cursos de forma involuntária e desorganizada, pode ser planejada, elaborada a partir de um trabalho conjunto que relembre o estudante da importância do debate ético ao longo de sua formação.

Muitas vezes associada à transversalidade de temas, a interdisciplinaridade também tem sido vista como uma das possibilidades de superação de um ensino tradicional. Se a transversalidade representa então o uso de temas que podem estar alocados de forma contínua em diferentes momentos, a interdisciplinaridade pode ser entendida como a

Geração de conhecimentos através de diferentes modalidades de interação visando à integração de conceitos, métodos, dados, ou as abordagens epistemológicas de múltiplas disciplinas em torno de uma idéia, problema, tema, ou questão em particular; A interdisciplinaridade se desenvolveria dentro do campo científico, buscando a superação e reformulação das fronteiras paradigmáticas (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003, p. 6).

Conforme conceito mais amplo de Piaget (1970), a interdisciplinaridade diz respeito à associação de diferentes campos científicos, como, por exemplo, o uso de conhecimentos das áreas das Ciências Humanas nas Ciências Sociais, ou a realização de atividades que reúnam diferentes competências a serem desenvolvidas em disciplinas distintas dentro de um mesmo campo, sendo que os conteúdos estão, de algum modo, inter-relacionados.

Acontece que, para Piaget (1970), as relações interdisciplinares não devem ser encaradas de forma igualitária, porque cada curso tem sua especificidade e utilizará de mais ou menos conhecimentos de outra área. Portanto, é preciso pensar a aplicação da interdisciplinaridade apropriada para o Jornalismo, de modo que o grau de interdisciplinaridade necessária em um curso de Publicidade, Direito, Pedagogia ou qualquer outro, considerando o conjunto de saberes das Ciências Humanas, não cabe para um curso de Jornalismo.

Interdisciplinaridade não deve ser entendida apenas como incursão de uma disciplina específica em diferentes disciplinas, mas também o contrário. Isto é, as questões típicas das demais disciplinas devem ser tratadas também nesta disciplina específica sem que perca sua essência. É o caso, por exemplo, de cursos em que as atividades laboratoriais jornalísticas desenvolvidas em diferentes momentos passam a ser tratadas ou trabalhadas na disciplina de ética. Segundo, que a construção do currículo neste modelo implica, assim como na transversalidade, um trabalho coletivo que extrapola o ambiente de sala de aula. Ou seja, só é possível pensar e aplicar a interdisciplinaridade a partir do momento em que passa a ser um objetivo de planejamento do colegiado e não de apenas um professor.

A interdisciplinaridade no ensino da ética pressupõe, portanto, a construção das relações éticas do jornalismo em diferentes atividades. Aqui não trata-se do aspecto temporal, mas da associação de questões que envolvem a teoria, a técnica, a estética e a tecnologia à ética jornalística.

Em vez, portanto, de construir um pensamento cujas especificidades do campo constroem-se de modo independentes, as propostas de transversalidade e interdisciplinaridade atuam com um ensino estruturado em matrizes curriculares cujas disciplinas são interdependentes. Ou seja, é preciso reconhecer a especificidade da ética jornalística ao mesmo tempo em que observa-se sua relação e com as demais disciplinas e aplicabilidade em relação às atividades desenvolvidas.

Considerações finais

A busca de uma metodologia apropriada para o ensino da ética e um planejamento pedagógico capazes de fazer com que a ética torne-se presente e eficaz na formação de jornalistas parte de uma perspectiva crítica dos acadêmicos. O esforço por tornar a ética jornalística mais presente na vida profissional tem a ver com a busca pela qualificação do jornalismo e relevância do ensino para o exercício da profissão que não encerra-se no ensino da ética durante a vida acadêmica.

Esse esforço, marcado por alguns avanços institucionais e também teórico-metodológicos, sofre também por uma espécie de “luta inglória”. Ainda que os professores se desdobreem no ensino da ética para formar jornalistas mais conscientes, o mercado jornalístico impõe uma limitação estrutural que exige ações (e omissões) que extrapolam o campo acadêmico.

Ainda que sejam conscientes de que os problemas são gigantes, teimosamente, os professores de jornalismo podem buscar aprofundar o conhecimento sobre

ética melhorando a eficácia da aprendizagem. A proposta de ensino voltada para aproximar o estudante da dinâmica do mercado de trabalho, lidando com situações reais, parece ser uma alternativa possível, nesse sentido. Desta maneira, a ética jornalística precisa assumir um papel central nos projetos pedagógicos de curso, mobilizando professores e estudantes não apenas no ensino, mas também na pesquisa e na extensão.

Uma proposta de ensino transversal e interdisciplinar permite estabelecer um aprendizado contínuo, conectado às diferentes competências e habilidades que são exigidas na formação de jornalistas. Devido a suas características tridimensionais, de todas as disciplinas comuns dos cursos de jornalismo, acreditamos que as relacionadas à ética são aquelas com maior potencial para o estabelecimento de uma linha comum durante todo o curso de modo a construir pontes entre as demais atividades, aproximando-se mais daquilo que os futuros jornalistas deverão encarar no cotidiano profissional.

Referências

ABEJ. **Institucional**. Brasília: Abej, 2007. Disponível em: <http://www.abejor.org.br/novo/institucional>. Acesso em 15 mar. 2019.

ABRAMO, Cláudio. **A regra do Jogo**: o jornalismo e a ética do marceneiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ABREU, Ana Carolina Ribeiro de. **O Conselho Federal de Jornalismo no Brasil**. Covilhã: Universidade da Beira do Interior, 2004. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-ana-carolina-Conselho-federal-jornalismo.pdf>. Acesso em 15 mar. 2019.

BARGER, Wendy; ELLIOTT, Deni. **Journalism ethics classes**: Do they make better journalists? *The Quill*, v.88, i.7, n.24, p. 1-4, aug. 2000.

BORTOLOTTI, Plínio. Por uma deontologia aplicada. *In*: CARVALHO, Guilherme (org.). **A ética no jornalismo brasileiro**: conceitos, práticas e normas. Curitiba: InterSaberes, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Temas Transversais. Brasília, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, Guilherme. Conhecer o código de ética é fundamental. *In*: CARVALHO, Guilherme (org.). **A ética no jornalismo brasileiro**: conceitos, práticas e normas. Curitiba: InterSaberes, 2019.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Ensino de ética jornalística: pedagogias e metodologias de professores. *In*: **Comunicação & Educação**, Ano XVI, n. 1, São Paulo: USP, p. 25-32, jan/jun 2011.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Pedagogias, metodologias e tecnologias na formação ético-profissional dos cursos de Jornalismo no Brasil**. Rebej - Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, v.1, n.8, p. 129-177, jan. a jun. 2011.

- CHEIDA, Marcel. **A questão curricular e pedagógica na disciplina Ética e Legislação do Jornalismo**. Revista Brasileira De Ensino De Jornalismo, n.1, v.1, p. 102-122, 2007.
- COSTA, Caio Túlio. **Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória**. Rio de Janeiro: Zahar. 2009.
- DIAS, Robson. O ethos de cada um: limites e associações entre a ética profissional de jornalistas e corporativa de empresas de comunicação. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 15, p. 95-110, jul./dez. de 2012.
- DIRETRIZES Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo. Resolução nº 1, Brasília: Ministério da Educação, Governo Federal, 27 set. 2013.
- ENTENDA o escândalo de grampos do tabloide “News of the World”. BBC BRASIL, 2011. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/07/110707_entenda_news_of_the_world_mm. Acesso em 15 mar. 2019.
- ERICKSON, Megan, Teaching Journalism Ethics in the High School Journalism Classroom Through the Use of Text Sets. **School of Education and Leadership Student Capstone Projects**. 472, 2020. Disponível em: https://digitalcommons.hamline.edu/hse_cp/472/. Acesso em 2 ago. 2023.
- FERREIRA, Jociene Carla Bianchini. **Docência universitária: elementos norteadores da prática pedagógica no curso de Jornalismo**. 2013. Tese (doutorado). Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação.
- FIGUEIRA, João. O ensino do jornalismo em tempos de mudança ou como a Universidade deve suplantar o Super-Homem. **Mediapolis**, n.3, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 61-77, 2016.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Escopo e abrangência da ciência da informação e a pós-graduação na área: anotações para uma reflexão. **Transinformação**, v. 15, n. 1, p. 31-43, jan./abr. 2003.
- GREENSLADE, Roy. **After Leveson: why the teaching of journalistic ethics is so crucial**. Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/greenslade/2013/mar/30/journalism-education-leveson-report>. Acesso em 15 mar. 2019.
- KARAM, Francisco José. **Jornalismo, ética e liberdade**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1997.
- KÖNIG, Mauri. O teste diário dos valores e princípios da ética jornalística. In: CARVALHO, Guilherme (org.). **A ética no jornalismo brasileiro: conceitos, práticas e normas**. Curitiba: InterSaber, 2019.
- KOSTYU, Paul. Doing what is right: Teaching ethics in journalism programs. **Journal of Mass Media Ethics**, n. 5, v.1, p.45-58, 1990. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/KOSDWI>. Acesso em: 2 ago. 2023.
- MARTONO; Haryanto Hadi. Teaching journalism ethics: Constructing model for teaching journalism ethics on the basis of local wisdom to create peace journalism. **Cogent Arts & Humanities**, v.4, i.1, 2017 (online). Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/23311983.2017.1334982>. Acesso em 13 jan. 2023.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e pesquisa para o Jornalismo que está por vir**: a função social da Universidade e os obstáculos para a sua realização. Florianópolis: Insular, 2012.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

NUNES, Angelina. O zumbido que acompanha o besouro. *In*: CARVALHO, Guilherme (org.). **A ética no jornalismo brasileiro**: conceitos, práticas e normas. Curitiba: InterSaberes, 2019.

OLIVEIRA, Dennis; RODELLI, Patrícia. Jornal laboratório: prática extensionista articulada com a dimensão ética do jornalismo. *Revista Brasileira De Ensino De Jornalismo*, n.1, v.1, p. 48-69, 2007.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **Guia para a edição jornalística**. Petrópolis: Vozes, 2006.

PETERLIN, Laveda; PETERS, Jonathan. Teaching Journalism Ethics Through “The Newsroom”: An Enhanced Learning Experience. **Journalism & Mass Communication Educator**, n. 74, v.1, p. 44–59, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1077695818767230>. Acesso em: 2 ago. 2023.

PIAGET, Jean. **Psychologie et épistemologie**. Paris: Denöel-Gonthier, 1970.

RESTREPO, Javier Darío. **Cuestión de Ética**. Disponível em: <http://fnpi.org/es/recursos/relatorias/taller-de-etica-periodistica-con-javier-darioestrepo-2003>. Acesso em 16 mar. 2019.

RÜDIGER, Francisco. **Origens do pensamento acadêmico em Jornalismo**: Alemanha, União Soviética e Japão. Florianópolis: Insular, 2017.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: EDART – São Paulo Livraria Editora Ltda., 1974.

TREVISAM Elisaide; LEISTER, Margareth Anne; DICHER, Marilu. A transversalidade no ensino superior como via de reforma para uma educação ética e humanitária. **Anais da Conferência Internacional Saberes para uma Cidadania Planetária**, Fortaleza: UECE, mai. 2016.

YUS, Rafael. **Temas Transversais**: em busca de uma nova escola. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ZELIZER, Barbie. Has communication explained journalism? *In*: TUMBER, Howard. **Journalism**: critical concepts in media and cultural studies. London: Routledge, 2008.